

Seminário traça cenários para 2003

VALOR ECONÔMICO

Do Rio

14 FEV 2003

O presidente da Fundação Getúlio Vargas, Carlos Ivan Simonsen Leal, que coordena segunda-feira o seminário Cenários da economia brasileira e mundial para 2003, trabalha com três cenários para a economia mundial, todos afetados pela guerra do Iraque e seu impacto sobre a economia americana. O de maior probabilidade (70%) é o que desenha uma guerra com ocupação de território que vai custar muito caro aos EUA, mergulhando o país numa recessão crônica do tipo Japão. A Europa poderá ser a grande beneficiária desse contexto, com o euro se valorizando perante o dólar.

Neste contexto, o Brasil — que já vem tomando medidas defensivas de corte de despesas, por exemplo —, poderá, com câmbio desvalorizado, se isolar um pouco do resto do mundo, com o governo adotando políticas keynesianas, do tipo Fome Zero, por exemplo, para estimular a

economia. “Acho que temos uma esperança, mas é preciso continuar tenso e olhando para fora.” Para o economista, se não fosse o elevado endividamento, o Brasil estaria numa posição altamente confortável.

Do seminário, que tem o apoio do Valor, participam Roger Agnelli, da Vale do Rio Doce, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira (da Firjan), Carlos Langoni (FGV), Rogério Zandamela (do FMI), Bernardo Parnes (Banco Merrill Lynch de Investimentos), Boris Tabacof (Suzano), José Fernando Pauletti (presidente da Telemar) e Henrique Meirelles, presidente do Banco Central.

Outro cenário desenhado por Simonsen Leal tem 10% de chance e projeta uma guerra do Iraque rápida, de forma que os investimentos voltem logo e economia americana comece a se recuperar. “Este não é o caminho mais provável”.

O terceiro cenário para a economia mundial este ano, é aquele no qual se tem uma guerra do Iraque mais lenta, com ocupação custosa e com a recessão americana se apro-

funda mais rapidamente. Este tem 20% chance. “Será uma crise de confiança com muitos desdobramentos. Temos que entender que está em curso uma dupla bruta recessão que pode virar depressão lá fora.”

Na verdade, na opinião de Simonsen Leal, o único jeito de se evitar uma depressão mundial será uma coordenação fiscal entre Europa e Japão e outras regiões do mundo. Mas, os europeus não terão interesse em fazer isto, pois eles gostariam que houvesse uma valorização do euro, com a desvalorização do dólar e a fuga de capitais para a Europa.

No Brasil, na sua opinião, o governo tomou excelente medida ao aumentar o superávit primário e cortar despesa. “Tem que ser prudente nesse momento. O governo não pode deixar o câmbio apreciar quando começar entrar a safra. Também deve mudar logo a composição dos papéis da dívida interna e de forma voluntária, tirando os títulos dolarizados. Também será preciso desindexar o orçamento e os papéis da dívida.